

A Subjetividade que reflete duas almas: Hegel e Machado de Assis sobre a Dialética do Homem-Mundo

Subjectivity that reflects two souls: Hegel and Machado de Assis on the Dialectic of the Man-World

Marcos Bruno Silva ¹

Resumo: O presente trabalho teve o objetivo de compreender noções acerca da subjetividade proposta por Hegel, por meio de uma relação com o conto “O Espelho - esboço de uma nova teoria da alma humana”, de Machado de Assis. Foi realizada a leitura de obras importantes do filósofo alemão, como os volumes I e III da “Ciência da Lógica e Enciclopédia das ciências filosóficas”, assim como a leitura atenta do conto. Duas obras de René Magritte, “Reprodução proibida” e “O Espelho falso”, também foram utilizadas para ilustrar a teoria e os conceitos machadianos e hegelianos no que tange a natureza dupla da alma humana, para proporcionar uma experiência estética em um texto árido. Hegel desenvolveu uma crítica ao princípio da subjetividade, fundamento absoluto da modernidade, exercício também representado em René Descartes e Immanuel Kant. O Cogito cartesiano ou a consciência absoluta de Kant defende que ela é intrínseca ao sujeito, e Hegel critica essa ideia ao defender a constituição desta como resultado de um processo dialético entre o Eu e o mundo exterior, natureza e cultura, sintetizados em um pensar conceitual, que gera as referências objetivas e as autorreferências do sujeito. Assim, é indicado o modo que Hegel concebe a construção de subjetividade a partir da suprassunção do Outro no Eu via conceitos, pois estes permitem a criação da identidade entre os diferentes momentos de qualquer produção espiritual: trazem em si o para si, as verdades mais fundamentais do absoluto.

Palavras-chave: Subjetividade; Hegel; Dialética; Cultura; Identidade; Machado-de-Assis.

ABSTRACT: The present work had the objective of understanding notions about the subjectivity proposed by Hegel, through a relationship with the short story “The Mirror - sketch of a new theory of the human soul”, by Machado de Assis. Important works by the German philosopher were read, such as volumes I and III of the “Science of Logic and Encyclopedia of Philosophical Sciences”, as well as a careful reading of the story. Two works by René Magritte, “Reproduction forbidden” and “The false mirror”, were also used to illustrate the Machado and Hegelian theory and concepts regarding the double nature of the human soul, to provide an aesthetic experience in an arid text. Hegel developed a critique of the principle of subjectivity, the absolute foundation of modernity, an exercise also represented by René Descartes and Immanuel Kant. The Cartesian Cogito or Kant's absolute consciousness argues that it is intrinsic to the subject, and Hegel criticizes this idea in defending its constitution as a result of a dialectical process between the Self and the outside world, nature and culture, synthesized in a

¹ Graduado em Psicologia e Especialista em Teoria e Técnica Psicanalítica pela Universidade Federal de Catalão, anteriormente Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão. Atualmente se dedica a pesquisa envolvendo Psicanálise, Filosofia e Literatura. E-mail: marcosbruno2786@gmail.com. Orcid: orcid.org/0000-0002-0451-5541.

conceptual thinking, which generates the subject's objective references and self-references. Thus, it is indicated the way that Hegel conceives the construction of subjectivity from the superassumption of the Other in the Self via concepts, as these allow the creation of identity between the different moments of any spiritual production: they bring in themselves the most important truths, fundamentals of the absolute.

Keywords: Subjectivity; Hegel; Dialectic; Culture; Identity; Machado de Assis.

Introdução

A imagem abaixo traz à nossa consciência imediata a seguinte percepção: um homem se olhando no espelho. Contudo, há algo estranho que ocasiona uma ruptura em nossa forma habitual de conceber uma simples olhada no espelho: o homem da tela “A reprodução proibida” de René Magritte não vê a si mesmo, mas um outro:



MAGRITTE, René. A reprodução proibida. Museum Boijmans Van Buningen, Holanda, 1937. Fonte: Google Imagens.

O espelho da tela que deveria revelar aquele que olha a própria imagem revela-lhe outra coisa, o diferente. Assim, o espelho da tela ao revelar um Outro e não o Mesmo, que é o que estamos acostumados a enxergar quando nos olhamos diante de algo capaz de nos refletir, nos leva a uma profunda inquietude, pois nos revela os mistérios por trás de nossa própria imagem, que aparenta ser algo absolutamente do sujeito, sem relação alguma com o exterior.

A nossa imagem revela o que somos, mas será que permite à nossa consciência o vislumbre desse conhecimento de si de forma imediata? O isto no espelho revela nossa mais íntima essência? De acordo com Machado de Assis (1839-1908) e o filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), sim. O espelho de

Magritte não está absolutamente errado sobre o que reflete, pois mostra o que os comuns não conseguem: o Outro. Assim, o que Magritte, Machado e principalmente Hegel, portanto, tem a dizer sobre a reflexão dos espelhos e como estas geram especulações sobre a nossa subjetividade?

Para alcançar o objetivo utilizou-se as imagens das obras, do artista belga René Magritte, *la reproduction interdite* - “A reprodução proibida” - de 1937, e *Le faux miroir* -

“O falso espelho”- para esteticamente diminuir a aridez conceitual de Hegel. No que se refere a Machado de Assis, utilizou-se o conto, de 1882, “O espelho – Esboço de uma nova teoria da alma humana”. Por fim, foram utilizadas algumas obras capitais do filósofo Hegel para tentar a exteriorização do conceito de subjetividade, como uma manifestação da Ideia sobre a mesma. Outros filósofos complementares foram utilizados para a compreensão da lógica conceitual hegeliana acerca do termo em questão.

Por ser um trabalho de natureza filosófica, imagina-se logo um escrito com elevada precisão conceitual e definições rigorosas acerca do assunto proposto. Contudo, se tratando de Hegel, podemos nos permitir à utilização da arte, pois segundo ele, esta serve aos propósitos do Espírito, por meio de suas representações sobre a vida. A filosofia hegeliana é um sistema em que as formas culturais – Arte, Religião e Filosofia – se aproximam e se afastam, num movimento dialético, para efetivarem a manifestação da Ideia na realidade. Assim, um fio lógico possibilita a esse sistema uma interação fundamental entre suas formas à medida em que o desenvolvimento da consciência permite a expressão do divino (*das Göttliche*), ou seja, os interesses mais profundos da humanidade, as verdades mais abrangentes do espírito (HEGEL, 2001).

Com o intuito de relacionar as imagens, o conto e os conceitos tentar-se-á expressar a ideia de subjetividade, de acordo com Hegel. A subjetividade é um produzir, um produto derivado da interação dialética entre natureza, sociedade e homem, que irá se revelando a partir dos momentos da evolução da consciência, no esforço que esta tem não somente em relação ao conhecimento do para si, ou seja, do mero exterior, mas também do em si, do que habita as coisas, os homens, daquilo que anima tudo e torna possível um saber em si e para si, que é o conhecimento concreto emanado pela produção superior do Espírito.

Jacobina, Magritte e Hegel: duas almas, não uma, subjazem no homem!

Jacobina, personagem do conto de Machado de Assis escrito do ano de 1882, enquanto conversava com os seus companheiros sobre coisas metafísicas proferiu a seguinte sentença: “em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas...”. Jacobina e seus quatro companheiros, depois de refletirem sobre “os árduos problemas do universo”, desceram das especulações acerca do mundo fechado e do universo infinito e aterrissaram sobre o terreno irrequieto e movediço da “natureza da alma”. A presença dessas duas almas no ser humano, segundo a hipótese de Jacobina, é também corroborada pelo artista surrealista René Magritte e por Hegel.

Antes de Jacobina apresentar essa tese de que o ser humano é habitado por duas almas, seus companheiros discutiam e defendiam justamente a afirmação contrária e bastante comum: a de que o ser humano possui apenas uma alma. Na filosofia, antes de Hegel, toda uma tradição especulativa ratifica esta tese defendida pelos companheiros de Jacobina: a presença de uma única alma no ser humano. Descartes e Kant

evidenciam esta “alma” por meio do termo subjetividade, considerando-a o fundamento absoluto de toda a realidade: o primeiro por meio do Cogito, penso, e o segundo, por meio do Eu. Segundo Habermas (2002) a subjetividade em Descartes e Kant é uma representada pelo *cogito ergo sum* no primeiro e pela consciência de si absoluta, no segundo.

Sobre a subjetividade em Descartes e Kant, explica Habermas (2002, p. 28), “trata-se da estrutura da auto-relação do sujeito cognoscente que se dobra sobre si mesmo enquanto objeto para se compreender como em uma imagem especular, justamente de modo especulativo”. Da modernidade até Hegel, a subjetividade era vista como dado natural, como a referência primordial. Ela era imanente ao homem. Descartes e Kant acreditavam nesta ideia, embora o segundo tentasse incorporar a sensibilidade, em seu desenvolvimento. Mas, a despeito dessa tentativa, tanto em Descartes quanto em Kant, a subjetividade era uma “alma” só e era uma propriedade do homem. Embora Hegel não se dedique exclusivamente a subjetividade, como fizera Descartes e Kant, ele a aborda e dá a ela um caráter dialético por meio da crítica do solipsismo presente na filosofia moderna.

Assim, o cogito cartesiano e o eu kantiano seria equivalente à metáfora de uma única “alma” presente no ser humano, que confere a este uma interioridade fundada numa auto-relação meramente reflexiva de si consigo mesmo. Disso resultariam todas as faculdades de sentir, pensar, imaginar, conhecer, do ser humano e, por fim, do seu existir. Hegel, no entanto, é um crítico dessa ideia, pois para ele sujeito e realidade não são entidades isoladas de forma absoluta, mas interdependentes. Como já dito, para ele a subjetividade é constituinte do homem, mas a diferença é que em seu sistema filosófico, ela não é absoluta ou pura, mas sim resultante de um processo dialético. Neste processo contrário, a Natureza e o Espírito vão dando forma e conteúdo concreto ao sujeito.

Mas, a questão da subjetividade em Descartes e em Kant não será aprofundada. Abordemos superficialmente as concepções destes filósofos, pois dão conteúdo às crenças acerca da única alma defendida pelos companheiros de Jacobina. Uma ou duas não é essa a questão, pois eles estavam a fim de refletir sobre a natureza da alma. Segundo a ideia defendida pelos companheiros de Jacobina, a alma seria o equivalente a uma positividade absoluta decorrente de uma mera reflexão do sujeito sobre si mesmo, sendo o restante, Mundo, outros, coisas meras projeções desse interior.

A presença de duas almas diz respeito a sua natureza, de acordo com Magritte, Jacobina e Hegel, pois todos eles defendem que existe um Outro, uma negação do eu, importante para a constituição da subjetividade. Deste modo, esta deixa de ser autocentrada. A subjetividade, então, seria uma superação e uma reconciliação por meio do trabalho do Espírito, ou do homem. O trabalho realizado por esse parece ser a unificação da natureza e da história, via conceitos, produzindo, dialeticamente, a subjetividade no homem, que parece ser um conjunto complexo de conceitos, que

instituem a interioridade do homem a partir de suas vivências dialéticas no mundo exterior: natureza, sociedade, outros homens, símbolos, leis, regras, etc.

Voltando ao raciocínio de Jacobina, sobre as duas almas, é lançado o seguinte argumento para sustentar sua tese: “nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro” (ASSIS, 1882, p. 102). Atentemo-nos a esse trecho. Esse argumento parece confirmar a ideia de subjetividade vislumbrada por Hegel, que, segundo Habermas (2000) critica as ideias anteriores como meras positivities autorreferidas por um sujeito cindido com o mundo, devido a um princípio absoluto desta subjetividade.

Segundo Hegel (2011, p. 29) “esse particular, nós só o obtemos ao passar de um para o outro, pois o particular contém um [termo] e um Outro”. Para o filósofo alemão parece haver uma ligação essencial entre o Eu (interior) e o Mundo externo, natureza, sociedade, outras pessoas para a assunção da subjetividade. Essa concepção hegeliana supera tanto as noções de uma subjetividade fundamentada de forma absoluta em uma autorreferência, ou seja, eu sou o mundo, e uma outra que afirma que nossa subjetividade não é nada menos que uma projeção do mundo exterior por meio de nossos olhos, como sugere a obra artística de Magritte, *Le faux miroir* (O falso espelho):



MAGRITTE, René. O Falso Espelho, Acervo do Museu de Arte Moderna, Nova York, 1928. Fonte: Google Imagens.

Essa obra traz essa ideia limitada de que o interior humano não é habitado por algo divino, ou uma expressão de algo meramente do eu, mas sim que esse interior nada mais é que a reprodução do mundo exterior pelo nosso corpo e nossos sentidos. Assim, nem divina, nem egocêntrica e tampouco projeção excêntrica, mas sim uma criação do espírito, a subjetividade em Hegel é a busca para a superação das cisões

sugeridas pelas outras concepções essencialistas e externalistas, meramente singulares, para integrá-las, por meio de um movimento dialético, em um universal, em que “o interior aparece no que é exterior e se dá a conhecer através do mesmo, ao passo que o exterior aponta por si próprio para o que é interior” (HEGEL, 2001, p. 43).

Concordando com Hegel, Kojève comenta a dialética presente na constituição da subjetividade e assevera que: “o homem real e verdadeiro é o resultado de sua interação com os outros” (Kojève, 2014, p. 20). Desse modo, a alma que olha de dentro para fora (Eu) e a outra que olha de fora para dentro (Mundo), permite ao homem o vislumbre da construção histórica do seu Eu, ou seja, de sua subjetividade. De acordo com Hegel essa construção da subjetividade por meio da interação entre o eu e o Outro ocorre da seguinte forma:

[...] assim como, no conceito em geral, a determinidade que nele se apresenta é uma progressão do desenvolvimento, assim também no espírito cada determinidade em que ele se mostra é momento do desenvolvimento, e na determinação progressiva é avançar para a sua meta, [que] é tornar-se para si o que é em si. [...] (HEGEL, 2011, p. 37.)

A subjetividade contém em si um movimento perene entre as duas almas, interna e externa, o que na verdade é a relação dialética entre o eu e o mundo, onde o exterior é incorporado ao Eu, que parece ser um conjunto de internalizações de diversos Outros sintetizadas em (auto) conceitos que dão a ele a segurança de si mesmo do mundo e de tudo ao seu redor. A constituição da subjetividade, portanto, é um estranhamento do homem diante da suprassunção, ou seja, a negação da natureza, do mundo pelo espírito, conservando neste o essencial daquilo que foi negado, num nível mais elaborado.

De acordo com Hegel (2001, p. 37), o espírito ao “apreender-se em seu outro, transformando o que é estranho em pensamento e, assim, o reconduzindo de volta a si” vai delimitando a subjetividade enquanto produto, não acabado, pois ela é uma resultante de outra luta contraditória entre a vida e a morte, de uma atividade dialética que a efetiva no real, ou seja, na sociedade. Acerca da relação entre as “duas almas” do homem, Jacobina explica que:

[...] as duas completam o homem, que é metafisicamente falando uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira [...] (ASSIS, 1882, p. 102).

Esta marcante observação de Jacobina diz justamente sobre a relação dialética necessária existente entre Natureza e Espírito para a formação da subjetividade. Contudo, ele dá maior peso, assim como Hegel, na alma oriunda do Espírito, pois em outro momento do conto lembra que “a alma exterior pode ser um espírito, um fluído, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação”; acrescentando depois que “o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida” (ASSIS, 1882, p. 102).

Jacobina ao defender sua tese das duas almas retrata o momento crucial: a transformação dialética do ser natural em um ser cultural, que não aniquila a natureza, mas a conserva. Apesar disso, para Hegel, o que é da ordem do Espírito é superior, pois é isto que caracteriza o ser humano. Podemos ver essa transformação numa breve descrição realizada por Machado de Assis acerca da mutação sofrida por Jacobina na constituição de sua ontologia, enquanto ser social. A personagem principal conta um pouco de sua história de vida e relata uma experiência marcante que teve aos vinte e cinco anos. Ele era um rapaz pobre, mas viu seu destino mudar quando obteve êxito ao ser nomeado alferes.

Kojève (2014) afirma que a mudança de vida de alguém, como a que aconteceu com Jacobina, onde ele deixou de ser Joãozinho, ou um João ninguém, se deve a uma luta. Joãozinho se rebelou contra o seu atual estado e se lançou a uma luta que o forçou a se libertar da natureza do anonimato, do puro sentimento de si, arriscando sua vida numa luta de puro prestígio vindo a se constituir “Ser-para-si”, ou sua realidade essencial. Assim, Joãozinho passa a ser o alferes, tornando-se alguém devido ao seu desejo de reconhecimento que o levou a busca de uma realidade essencial, distinguindo-o da coisidade e se afirmando como ser social. Jacobina corrobora a ideia de Kojève ao descrever espantado aos companheiros a metamorfose pela qual passara:

[...] a consciência do homem se obliterava, a do alferes tornava-se viva e intensa. As dores humanas, as alegrias humanas, se eram só isso, mal obtinham de mim uma compaixão apática ou um sorriso de favor. No fim de três semanas, era outro, totalmente outro. Era exclusivamente alferes. (ASSIS, 1882, p. 104).

Pode-se observar a transformação do humano natural em um humano social, no qual a realidade essencial a ser alcançada é a da subjetividade. Quando o homem inicia sua existência no mundo, ele não difere de um animal qualquer, é um ser natural, um animal, preso a condições dadas, onde meios e fins são confundidos. É a partir de sua inserção em uma cultura que ele irá superar o mero sentimento-de-si, ou seja, o mero animal. Isso se efetivará quando entrar em contato com a sociedade, as leis, e outros homens, e se constituindo como uma consciência-de-si. Sobre essa inserção do homem no mundo da cultura, Kojève assevera:

O homem é consciência-de-si. É consciente de si, consciente de sua realidade e de sua dignidade humana. É nisso que difere essencialmente do animal, que não ultrapassa o nível do simples sentimento de si. O homem toma consciência de si no momento em que – pela primeira vez – diz: “Eu”. Compreender o homem pela compreensão de sua origem é, portanto, compreender a origem do Eu revelado pela palavra. (KOJÈVE, 2014, p. 11).

Machado de Assis também retrata essa etapa do processo dialético hegeliano, metaforicamente exposto por:

O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado. (ASSIS, 1882, p. 104).

Assim, o homem, a subjetividade, surge a partir do momento em que o Eu é enunciado mediante as palavras ou signos ou elementos linguísticos que possuem valor na cultura. O suporte natural também é importante, pois a realidade humana só é possível dentro de uma vida biológica, animal. O sentimento-de-si, a dimensão natural do homem, não é condição suficiente para o pleno desenvolvimento da consciência de si e da realidade humana, mas necessária. E as contribuições do mundo e da cultura são fundamentais, pois eles serão no interiorizados no organismo dando origem a um desejo, a uma consciência e existência enquanto ser humano.

Foi visto, portanto, como a subjetividade é desenvolvida. Ela é uma resultante da interação entre as “duas almas”, uma representada pelo dado, o natural, a animalidade, o puro sentimento de si, com outra que é a alteridade, o Outro, o mundo, o social. Essa concepção marca a distinção de Jacobina em relação aos companheiros quando estes falavam sobre a natureza da alma e a de Hegel em relação a uma tradição filosófica da modernidade marcada pelo traço de pureza, defendidas por Descartes e Kant. No plano artístico, Magritte apresenta a crítica à ideia de uma subjetividade autorreferenciada no próprio sujeito e corrobora as ideias de Jacobina e Hegel.

O espelho que reflete dialeticamente o ser em si e o ser para si

A completar a ideia acerca da subjetividade hegeliana, o elemento espelho é aquilo que, além de refletir a imagem de algo ou alguém, garante o reconhecimento e faz o elo entre a natureza e o histórico, o mesmo e o outro, dando unidade e identidade ao movimento dialético vivido pelo homem na formação de sua subjetividade. Hegel (1995, p. 79) afirma que “[...] cada homem é um mundo inteiro de representações, que estão sepultadas na noite do Eu. Assim, pois, [o] Eu é o universal, no qual abstrai de todo o particular, mas no qual, ao mesmo tempo tudo está envolvido.”

Hegel indicava que as representações petrificadas no Eu decorrem da abstração que este faz, quando em relação dialética com o seu outro. É na relação do sujeito com o mundo que se formam as representações do Eu, e esses serão os elementos a serem internalizados, e constituirão o espaço interno do sujeito. Essa ideia revela a importância da formação de representações e conceitos a partir das vivências do sujeito com o mundo. O conceito será como um espelho que permitirá ao sujeito o vislumbre de sua relação com o seu outro, para a chegada até o lugar em que se encontra.

Contudo, existe um detalhe importante: se os conceitos e as representações coagulam na interioridade do sujeito, devido à presença de um obstáculo de seu movimento no mundo, o Eu perde sentido. Jacobina narra um pouco da perda de sentido quando aqueles que alimentavam o reconhecimento de sua nova condição de alferes se retiraram ou o enganaram. Depois de ir até à casa de sua tia passar alguns dias, Jacobina é obrigado a ficar somente no lugar, pois ela recebe uma notícia e tem que se retirar às pressas de seu aposento e visitar uma filha, acometida por uma grave doença. Antes de ir embora era “sobrinho, alferes” para lá e para cá. Depois que perdeu o reconhecimento do seu outro que o legitimava em sua nova condição, ele se viu perdido na solidão.

De acordo com Assis (1882) esse reflexo solitário levou Jacobina a sentir estreitamento da alma externa, que quando era na presença de alguém que a reconhecesse, estava viva dentro de si. Quando a tia foi embora ele ficou novamente frente a frente com a natureza:

[...] achei-me só, sem mais ninguém, entre quatro paredes, diante do terreiro deserto e da roça abandonada. Nenhum fôlego humano. Corri a casa toda, a senzala, tudo, nada, ninguém, um molequinho que fosse. Galos e galinhas tão somente, um par de mulas, que filosofavam a vida, sacudindo as moscas, e três bois. (ASSIS, 1882, p. 105).

Machado de Assis parece aqui fazer uma crítica à solidão de Descartes, quando este isolado em uma casa a frente da lareira se regozijava com a pretensa superioridade de seu *Cogito* frente ao mundo ilusório. Hegel (1995) corrobora com a visão machadiana e afirma que a solidão decorre da incompatibilidade do homem com a natureza em si “na medida em que o homem é, como ser-da-natureza, e se comporta como tal, é este um comportamento que não deve ser. O espírito deve ser livre, e ser por si mesmo o que é. A natureza, para o homem, é apenas o ponto de partida que ele deve transformar” (HEGEL, 1995, p. 86).

Por essa razão é que Jacobina teve essa sensação de solidão, pois sendo pior que a própria morte, pois nenhum fôlego humano estava ali para proferir palavras de reconhecimento, encontrava-se novamente com a natureza fria e apática quanto à condição de homem livre. Depois de sofrer com a ausência do seu outro, sem se contentar com suas representações subjetivas, que nada garantiam a Jacobina, teve uma ideia:

[...] desde que ficara só, não olhara uma só vez para o espelho. Não era abstenção deliberada, não tinha motivo; era um impulso inconsciente, receio de achar-me um e dois, ao mesmo tempo, naquela casa solitária; e se tal explicação é verdadeira, nada prova melhor a contradição humana, porque no fim de oito dias, deu-me na veneta olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dois. (ASSIS, 1882, p. 106).

Ao se olhar no espelho teve um novo estranhamento, pois este parecia refletir sua condição anterior de um ser meramente natural. O espelho, disse Jacobina, “não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra [...] a

imagem era a mesma difusão de linhas, a mesma decomposição de contornos” (ASSIS, 1882, p. 107). Era refletido não o conceito de Jacobina, mas sim uma natureza geométrica e confusa de Descartes e um múltiplo de sensibilidade kantiano sem o ordenamento das categorias do entendimento. Ele continuava a se buscar no espelho, contudo sem sucesso.

Entretanto, quando Jacobina teve o pensamento e se lembrou de vestir a farda do alferes ele pôs-se vestido imediatamente frente ao espelho. Dessa vez não houve estranhamento, mas sim reconhecimento, pois “o vidro reproduziu então a figura integral, nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes que achava, enfim, a alma exterior [...] não era mais um autômato, era um ente animado.” (ASSIS, 1882, p.107). Essa passagem representa a ideia de Hegel que só pelo pensamento é possível vislumbrar a suprassunção no processo dialético, em que natureza e espírito se reconciliam. Depois de vestida a farda Jacobina novamente se encontra no reino da liberdade, pois escapou das indefinições e variações da singularidade da natureza e se tornou um universal, por meio da assunção de seu ser social. “O homem”, conclui Hegel, “na medida em que é espírito, não é um ser-da-natureza; na medida em que se comporta como um tal ser, e persegue os fins do desejo, é que o quer.” (HEGEL, 1995, p. 86). Assim, o espelho reflete o homem volitivo, que ao lembrar de sua condição por meio da farda, transcende o reino da necessidade se tornando humano. A subjetividade então seria o resultado da incorporação da natureza e a sua transformação mediante o pensamento de desejo.

Considerações Finais

Magritte, Jacobina e Hegel e suas concepções sobre a natureza da alma humana serviram de inspiração para a escrita deste pequeno ensaio. Falar da subjetividade demanda fineza, principalmente ao se relacionar conceitos de artistas e filósofos consagrados pela tradição intelectual e artística do ocidente. Essa, não é derivada exclusivamente do sujeito e tampouco é uma reprodução exata, por meio dos sentidos humanos, de uma pura exterioridade. É movimento de assimilação, um trabalho do Espírito, que conjuga Natureza e História e dá ao homem sua identidade. Assim, o humano deixa de ser uma entidade natural e animal e passa a ser um ente social, sendo que nesta característica essencial estão suprassumidas as outras etapas necessárias à sua formação.

Existe ainda um elemento fundamental para a organização das interiorizações daquela relação dialética no corpo do homem, o mediador, nesse caso, o conceito que organiza as experiências vivenciadas por ele em suas transformações. O conceito assume uma função especular, pois ele, embora seja resultado de um pensar, o ajuda a compreender sua dupla natureza, animal e social, permitindo-o vislumbrar a sua constituição histórica. O conceito é o espelho que reflete a ligação fundamental do Eu com o seu Outro. Além de que ele é o que produz os pórticos, referências subjetivas, na

interioridade do sujeito, que o faz lembrar permanentemente do movimento dialético formador de sua existência.

As obras de Magritte contribuem para que se possa visualizar a ideia de subjetividade formada a partir da relação com o outro. Tanto “A reprodução proibida” quanto “O falso espelho” apontam críticas, de modo que ressaltam que ela é tão somente a expressão do outro. Contudo, refuta a ideia comum que se tem de que ela nada mais é do que algo inerente ao sujeito. Segundo essa ideia, o sujeito possuiria uma subjetividade absolutamente sua. Ela seria o fundamento de toda a realidade, incluindo a exterior. Tudo seria projeção dessa subjetividade. Descartes e Kant são defensores dessa concepção. O *cogito* e a consciência absoluta ditariam a tônica da existência do real.

Machado de Assis e Hegel buscam desconstruir essa ideia. Para ambos o instinto da alma existe a relação entre a natureza e a cultura, entre o animal e o social, mediados pelo conceito, que permite ao humano o deciframento de sua interioridade em termos de movimentos históricos dialéticos e não de divindades, imanências ou reprodução da mera exterioridade. Ambos, o literato e o filósofo, retratam o trabalho do Espírito no processo de socialização do animal-homem. Desse modo, o espelho seria a reflexão desse duplo, ou seja, o conceito fixado na interioridade humana, que contém em si conteúdo concreto resultante do processo citado.

Dentro do conceito, existiria a síntese registrada da experiência vivida pelo homem do processo dialético, do sentimento de si até a assunção da consciência de si. A chegada até esse píncaro não significa que as etapas anteriores foram eliminadas, mas sim que na atualidade significam algo maior, devido à força do presente histórico, o qual está imerso o indivíduo. No caso de Jacobina pode-se perceber esse movimento, era João e se tornou Alferes. Depois de uma confusão com o papel social que iria assumir doravante, se tornou Alferes João. Dessa maneira, o significado de ser Alferes assimilou o homem João e deu a este um novo conceito de si mesmo, em si e para si.

Este (auto) conceito guarda o antes, o agora e está sempre em direção ao porvir, pois a subjetividade é um mover-se perene em direção a atualizações constantes, pois caso o movimento cesse e fique restrito às necessidades ou a natureza, o ser não atingirá sua plenitude e ficará petrificado na condição de escravo. Não se falou da relação entre senhor e escravo neste trabalho, mas percebe-se que Jacobina ao recusar o status de Joãozinho, que é João ninguém, pois está como todos os outros numa situação de naturalidade, de indiferenciação, quando este atingiu o posto de alferes pôde se diferenciar. Saiu do anonimato e passou a ser reconhecido como diferente. A assunção da diferença em relação à mesmice inscreve o humano na posição de mestre.

Assim, ao atingir o ser social e manter a animalidade como um resquício de uma etapa superada dentro de si, o ser humano constitui a sua subjetividade, assim como o conhecimento, o saber e a cultura. A subjetividade é produto de uma criação e de um pensar, pois é devido a essa capacidade de produzir conceitos, que o ser humano

conhece a si mesmo, se liga ao mundo e opera uma dupla transformação, pois vê em tudo seu reflexo, mas não como mera projeção, mas sim como reconhecimento deste outro, natural, inicialmente e social, posteriormente, como constituidores de sua condição humana. Devido a essa constatação Jacobina tem razão ao concluir: “nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro” (ASSIS, 1882, p. 102).

Referências

ASSIS, Machado de. **Papéis Avulsos**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2001.

HABERMAS, Jürgen. **O Discurso filosófico da modernidade**: doze lições. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Enciclopédia das Ciências filosóficas em Compêndio**: volume 1- A ciência da lógica. São Paulo: Loyola, 1995.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Cursos de Estética**, volume 1. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Ciência da Lógica: Excertos**. Seleção e tradução de Marco Aurélio Werle. São Paulo: Bancarolla, 2011a.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Enciclopédia das Ciências filosóficas em Compêndio**: volume 3 – A filosofia do espírito. São Paulo: Loyola, 2011b.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Lecciones sobre la historia de la filosofia III**. México: FCE, 1955.

KOJÈVE, Alexandre. **Introdução à leitura de Hegel**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

MARCUSE, Herbert. **Razão e Revolução**: Hegel e o Advento da Teoria Social. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

Recebido em: 15 de jul. 2020
Aprovado em: 22 de ago. 2020